



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Brasil

Rocha, Letícia Monteiro

Viva ao Divino Espírito Santo! A fé dos foliões e promesseiros de Santa Tereza - Figueirão/MS

Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 18, núm. 40, 2020, -Junio, pp. 286-295

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.18.i40.0017>

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631765936019>

- ▶ [Cómo citar el artículo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Más información del artículo](#)
- ▶ [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Viva ao Divino Espírito Santo! A fé dos foliões e promesseiros de Santa Tereza - Figueirão/MS

Fotos e texto: Letícia Monteiro Rocha¹

A Festa do Divino Espírito Santo é altamente recorrente na região central do Brasil, especificamente no Centro-Oeste. Sobre a origem e a chegada nesta região, é quase inexistente a bibliografia relacionada. Acredita-se que o costume da comemoração veio de Portugal trazido pelos jesuítas e pelos primeiros colonos, e posteriormente foi difundido em todo o país (AMARAL, 1998, p. 200).

A crença em torno do Divino Espírito Santo é popular no Centro-Oeste, mas também tem forte tradição nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Esta interiorização da festa ocorreu principalmente pela corrida do ouro, como podemos observar em Goiás, especificamente a cidade de Pirenópolis, no período em que houve grande concentração de áreas de mineração do ouro e dali surgiu uma das mais importantes Festas do Divino do país (AMARAL, 1998).

A Festa do Divino é de tradição católica, realizada cinquenta dias após a Páscoa, no domingo de Pentecostes, em comemoração ao aparecimento do Espírito Santo aos discípulos de Jesus Cristo. O Divino não é considerado padroeiro oficial da maioria dos municípios em que existe a celebração, como também não existem atributos específicos da divindade, como ocorre, por exemplo, com São Francisco de Assis, padroeiro dos animais, ou Santa Luzia, que protege os olhos. Desta maneira, os pedidos de milagres são multivariados (AMARAL, 1998, p. 202).

Foi no século XIII que a festa do Divino foi reconhecida oficialmente pela rainha Isabel em Portugal, na região de Alenquer. O festejo, que até então era considerado pagão, entrou no calendário das celebrações sacras portuguesas. No Brasil, o reconhecimento veio apenas

¹ Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Especialista em Administração de Marketing e Propaganda e Gestão Estratégica em Varejo e Comportamento do Consumidor. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. E-mail: natasha_let@hotmail.com.

depois da independência, por volta de 1822, algo irrelevante, pois o povo já proclamava o "país de Império do Espírito Santo" (SILVEIRA, 2011).

No município de Figueirão, no Estado do Mato Grosso do Sul, a comunidade de Santa Tereza, liderada pela família Malaquias, realiza a Festa do Divino desde 1909 como forma de agradecimento ao milagre concedido pelo Divino Espírito Santo.

No início do século XX, a região foi acometida pela febre amarela, doença infecciosa que, se não tratada, levava à morte em um período curto de tempo. Como a região era pouco habitada e, por conseguinte, não havia acesso fácil ao tratamento dos enfermos, a dona Maria Francelina de Jesus, esposa do senhor Joaquim Malaquias - um dos desbravadores do local - pediu ao Divino que encontrasse no mato do cerrado uma planta que curassem os doentes, e como forma de agradecimento ela iria celebrar a festa até a quarta geração da família.

Ao retornar para casa e preparar a bebida, a pessoa que estava com os sintomas foi melhorando gradativamente. Depois deste episódio, não houve nenhum caso que se tenha registro de pessoas acometidas pela doença na região.

Em 2017, durante minha pesquisa de campo, estive pela primeira vez na pequena comunidade de Santa Tereza para acompanhar de perto todo o festejo. As fotografias tiradas fizeram parte da minha dissertação, assim como as entrevistas com os membros da família Malaquias e autoridades da região.

Conforme a observação direta e acompanhamento da folia durante a viagem, uma palavra resume a festa centenária: fé. Tudo se pede ao Santo e tudo é alcançado. Conforme os relatos, somente o Divino opera os milagres pedidos - muitas vezes impossíveis perante o homem. É dele a força movedora para que cada ano aconteça uma nova edição da Festa do Divino de Figueirão.

Foto 01: Início do percurso da folia



Foto 02: Chegada dos foliões em uma residência



Foto 03: Doação de esmola ao Divino



Foto 04: Cantoria de agradecimento pela esmola



Foto 05: Viagem da folia para a próxima residência

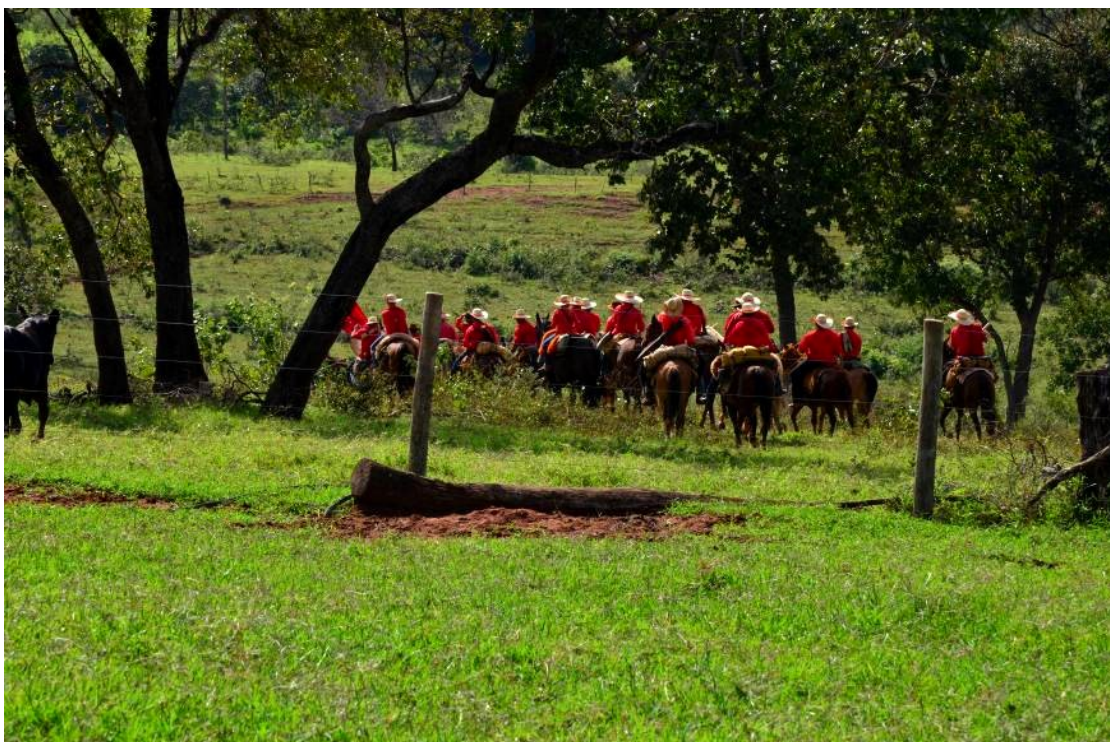


Foto 06: Foliã Dalva Reis pagando a promessa, ela carregou a bandeira por um trecho do percurso



Foto 07: Cantoria especial na capela de São João, na propriedade do Sr. Ereduzino Malaquias



Foto 08: Chegada da bandeira na comunidade Santa Tereza



Foto 09: Os festeiros vão ao encontro com a bandeira da folia



Foto 10: Troca das bandeiras



Foto 11: Entrada da bandeira na capela. Promesseiros se cobrem com lençóis para que a bandeira, os festeiros e os foliões passem por cima



Foto: Denilson Rodrigues

Foto 12: Os fiéis oferecem esmolas ao Divino



Foto 13: Os foliões entoam as últimas cantorias



Foto 14: Içamento do mastro e queima de fogos para marcar o final do evento religioso



Foto 15: Apresentação da dança típica local - Dança do Catira



Referências

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que "não é sério".** 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. **Sobre a Prática Etnográfica no Campo da Comunicação: uma formulação teóricometodológica.** Unisinos, 1-17, 2011.